


AO POETA DA ETERNIDADE



“Adeus... Saudades...” Com estas palavras João Freire Ribeiro nos deixou, tranquilo e serenorumo ao oriente eterno. Penso ter o poeta, por sua formação místico-cristã, sabido que se tratava do último adeus, adeus de quem sabe a morte. Sabia ele também ser a saudade uma fiandeira da distância; ser a alma de um tempo infindo. Era uma sexta-feira, 24 de janeiro de 1975, três horas da tarde.

Àquela mesma hora, conhecida bíblicamente como hora nona e também numa sexta-feira, morrera Jesus. Estas são duas coincidências que nos chamam atenção, porque a morte de Jesus numa sexta-feira não fora um acidente nem casualidade, senão profética; por duas razões: primeiro para caracterizá-lo como o Messias. Segundo, precisava Ele passar o sábado da redenção descansando de Sua Obra redentora, como fizera Deus no sétimo dia da criação.

Lendo sobre a vida e a obra de João Freire Ribeiro, percebi serem esses pontos de convergência com a vida de Jesus muito importantes, pela própria mística, presente em sua obra e sua vida. E para completar o mistério, sabe-se que pouco antes de seu transpasse, Freire Ribeiro, que tivera como madrinha Nossa Senhora do Socorro, afirmara estar vendo em uma sala contígua ao quarto onde se encontrava moribundo, a imagem de N. S. Auxiliadora, que viera ao seu lar, na costumeira visita mensal, e a quem o vate pedira, naquele momento, a graça de uma morte tranquila.



Nascera João Freire Ribeiro no mês em que se inicia a primavera, chegando a este mundo, portanto, com o verde das folhas e a floração das flores, num encontro quem sabe previsto com as musas, por ser mesmo uma grande alma, como prova a sua dedicação às causas religiosas, através da fé. Dizem que seu venturoso pai, José Augusto Ribeiro, “talvez tenha exclamado como o sacerdote Zacarias quando lhe nasceu Batista: ‘João será o seu nome’”. O avô materno José Freire registrou:

“A aurora surgiu esplendorosa
E a passarada cantava de alegria;
Dir-se-ia ver-se linda rosa
Dizer a outra rosa: é hoje o dia!”

Para ele, nesta comemoração, escrevi:

Ouço teus poemas magistrais
Frutos de teu místico poetar
Todos eles são chaves que nos permitem entrar
Em magníficas e solenes catedrais.

Para orar por amor e algo mais,
Pois tu és o poeta do infinito,
Tens visões e sonhos magistrais
Que inspiram teus versos e tudo mais.
Trazes luzes de auroras boreais
Nas asas de um poema bendito
Que percorre os quatro pontos cardeais.
São dores e sentimentos lagrimais
Que rebuscas de eras ancestrais
Em lutas interiores e algo mais.

Cleiber Vieira

Presidente da Associação Sergipana de Imprensa